

A RESPONSABILIDADE DAS ELITES E A DECADÊNCIA DOS CENTROS DO RIO E DE SÃO PAULO

Arq. Flávio Villaça

O objetivo deste texto é apresentar algumas considerações sobre a chamada "decadência" dos centros de nossas duas maiores metrópoles: Rio e São Paulo. Apresenta-se a proposição de que o centro do Rio é menos "decadente" que o de São Paulo. Essa proposição é fundamentada com algumas pesquisas e finalmente procura-se uma explicação para a diferença.

Ressalte-se que o que cabe investigar é o papel relativo de cada centro face a respectiva metrópole e não indicadores absolutos de um e de outro. A pesquisa deve comparar o que representa o centro do Rio para o Rio, com o que representa o centro de São Paulo, para São Paulo e não o centro do Rio com o centro de São Paulo.

Aquilo que se chama de "decadência" é o abandono do centro pelas elites. Em ambas as metrópoles as burguesias abandonaram bastante o centro, tanto como local de diversões como de compras. O centro do Rio entretanto, é mais forte (foi menos abandonado) que o de São Paulo, como local de emprego dessas classes; por essa razão o declínio do centro como local de compras e serviços por parte delas - embora inegável - não foi tão forte como em São Paulo. A presença desses empregos sustenta certo comércio e serviços que, em São Paulo, há muito abandonaram o centro. Alguns exemplos.

Infelizmente, a estatística mais importante a ser usada nessa comparação - empregos no centro por classe social ou faixa de renda - inexistente. Por isso seremos obrigados a lançar mão de outros indicadores,

Esta pesquisa considerou "Centro Principal" ou simplesmente "Centro" do Rio a área da Administração Regional Centro. Em São Paulo foi a área compreendida pela Av. Duque de Caxias, R. Amaral Gurgel, Vd. Júlio de Mesquita Fo. Parque Pedro. II, Av. do Estado e R. Mauá. Em termos de extensão, a área do centro do Rio (excluída o a do aeroporto Santos Dumont, mas incluído o Aterro do Flamento) é ligeiramente menor que a do centro de São Paulo.

Os restaurantes que atendem às burguesias são mais frequentes no centro do Rio do que no de São Paulo. O *Guia 4 Rodas* (1995) lista 407 restaurantes na Área Metropolitana de São Paulo, dos quais 5,16% estão no centro principal e 65,36% na área de grande concentração das camadas de alta renda (Quadrante Sudoeste da metrópole) (*). Na área metropolitana do Rio de Janeiro são listados 226 restaurantes dos quais 17,7% estão no centro principal e 61,06% estão na área de grande concentração das camadas de alta renda (Zona Sul, do Flamengo à Barra da Tijuca). Em termos absolutos são 40 restaurantes no centro do Rio e 21 no de São Paulo. Também as mercearias, vendendo latarias, frios, queijos e vinhos, permanecem no centro do Rio, mas abandonaram o de São Paulo (A *Mercearia Godinho*, à R. Líbero Badaró é a única que sobrevive no centro). Quanto às lojas, embora não haja estatísticas, a observação indica que há lojas "melhores" no centro principal do Rio do que no de São Paulo. Nesta última, pontos outrora nobres, como as vizinhanças do Teatro Municipal, hoje são ocupados por açougues. Pesquisa feita em anúncios de lojas de informática, nos cadernos *Informática de O Jornal do Brasil* e da *Folha de São Paulo* apresentou o seguinte resultado quanto a suas localizações:

	Rio	S. Paulo
Somente no centro principal.....	5 (13,16%).....	3 (6,25%)
No centro e fora do centro.....	5 (13,16%).....	1 (2,08%)
Fora do centro principal.....	14 (36,84%).....	22 (45,83%)
Sem endereço (a maioria tele vendas)(*).....	14 (36,84%).....	22 (45,83%)
Total.....	38 100,00%.....	48 100,00%

(*)Somente lojas foram consideradas: cursos e assistência técnica foram ignorados pois a maioria apresenta apenas telefone

Note-se que mesmo em termos absolutos, as cifras do Rio são mais altas que as de São Paulo.

Um indicador que bem reflete maior uso do centro do Rio pelas camadas média e acima da média, é o uso das igrejas centrais. Pesquisa de missas de sétimo dia, feita no *Jornal do Brasil* e na *Folha de São Paulo*, revelou os seguintes resultados quanto à localização das igrejas:

	Rio	S. Paulo
Na área de grande concentração das camadas de alta renda.....	64,38%.....	78,82%
No centro.....	26,03%.....	3,53%
Outros locais.....	9,59%.....	17,65%

Foram pesquisados 85 anúncios fúnebres em São Paulo e 73 no Rio, em vários números daqueles jornais, aleatoriamente selecionados em Dezembro de 1995.

Uma indicação de que as burguesias cariocas atribuem mais importância ao centro do Rio

(*) Área limitada a oeste pelo conjunto de bairros de alta classe média, conhecido como "Morumbi" e Vila Sônia.. Ao sul, pelo centro de Santo Amaro, a Leste pelo

Cambuci e Saúde e ao norte pela Liberdade, Consolação, Higienópolis e Alto da Lapa (todos incluídos). Na área metropolitana do Rio, a área de alta concentração das camadas de alta renda tem 8,86% da população e 52,80% dos chefes de domicílio que ganham mais que 20 salários mínimos. Na de São Paulo, tem 13,72% da população e e 54,03% dos chefes de domicílio naquelas condições.

e usam-no mais do que as paulistanas usam o centro de São Paulo, é dada pela sua presença do centro no noticiário das imprensas locais. Foram pesquisadas 1.789 menções a logradouros públicos (ruas, praças, parques, praias, viadutos, bairros etc.) das respectivas áreas metropolitanas, feitas em várias edições do *Jornal do Brasil* (seção "Cidade" apenas) e 2.060 menções feitas na *Folha de São Paulo*. Neste último foi utilizado apenas o caderno "São Paulo" que não noticia o ABCD (que tem Caderno próprio). Esta área foi então excluída da área metropolitana de São Paulo. Do total de menções feitas a logradouros públicos pelas imprensas locais, as referentes ao centro do Rio representavam 13,36% e as referentes ao centro de São Paulo apenas 5,87%.

Quanto aos cinemas, não é surpresa que o centro de São Paulo supere o do Rio, já que o cinema é uma diversão relativamente popular tradicional em São Paulo; mas em matéria de teatros é. Num domingo de novembro de 1996, 13,1% das salas de cinema da área metropolitana de São Paulo que anunciavam na *Folha de São Paulo* localizavam-se no centro contra apenas 8,42% das 95 (sic) salas da área metropolitana do Rio que anunciavam no *Jornal do Brasil*. Como o *Jornal do Brasil* não anuncia cinemas exibindo filmes pornográficos, essas salas foram excluídas da pesquisa. Quando aos teatros, a situação era a seguinte, também em novembro de 1996:

	No centro	Junto ao centro	Outros locais	Total
São Paulo	9 (19,95%)	10* (21,28%)	28 (59,57%)	47
Rio	4 (14,81%)	4** (14,81%)	19 (70,37%)	27

* - Bixiga e Vila Buarque

** Glória, Catete, Flamengo

Também em hotéis com 4 ou 5 estrelas, o centro de São Paulo supera o do Rio. O primeiro tem três hotéis 5 estrelas e vários 4 estrelas enquanto o segundo não tem nenhum.

Em 1973 o centro de São Paulo tinha 32% das agências bancárias da área metropolitana e o do Rio tinha 49%. Como de lá para cá ambos os centros decaíram bastante, é válido admitir-se que, mesmo variando as porcentagens, as diferenças entre ambos tenha permanecido mais ou menos a mesma.

Os eventos a seguir transcritos e noticiados à pg. 17 do *Jornal do Brasil* de 13/4/94, jamais ocorreriam no centro de São Paulo e, conseqüentemente jamais apareceriam na imprensa. "**Casam-se** hoje, às 18h30, na Igreja Nossa Senhora do Carmo, no Centro, Mônica Pessoa de Queiróz e Francisco de Sá, filho do banqueiro Angelo Calmon de Sá. Os noivos receberão os amigos no Gávea Golf Club". Logo em seguida, na mesma coluna lê-se: "Amanhã, às 19h30, na Igreja São Francisco de Paula, [também no centro] Bianca Fisher e Ricardo Ermírio de Moraes. A noiva é filha de Maria do Rosário e Carlos Fisher. Já o noivo é filho de Ana Maria e Antônio Ermírio de Moraes. A recepção será no Hotel Rio Palace." Há décadas as elites paulistas não usam as igrejas do centro de São Paulo. Nem as escolas. Enquanto o Colégio São

Bento do Rio, ainda é uma escola das elites, o de São Paulo, há décadas deixou de sê-lo.

O centro principal Rio de Janeiro tem 7 centros culturais e o de São Paulo não tem nenhum.

Essas últimas considerações trazem à mente a questão da tradição e de sua materialização e sobrevivência em monumentos arquitetônicos. O centro de São Paulo é (ou foi, no seu apogeu) um centro jovem; só recentemente começou a ser centro de uma grande metrópole. Não teve tempo de cristalizar uma tradição de uso. Além disso, pela mesma razão, os vários usos do centro de São Paulo não produziram monumentos arquitetônicos comparáveis às igrejas, palácios, edifícios públicos do centro do Rio. O centro do Rio foi centro de uma grande metrópole durante muito mais tempo e chegou a criar uma tradição de utilização que se cristalizou em monumentos arquitetônicos que, por seu valor, permanecem vivos como a Confeitaria Colombo, o Gabinete Português de Leitura, a Academia Brasileira de Letras, o mosteiro de São Bento, a Igreja da Candelária etc. Por outro lado, é inegável que a fartura de monumentos arquitetônicos existentes no centro do Rio - em oposição à indigência do de São Paulo - tem contribuído muito para a proliferação de centros culturais no centro da cidade: o Centro Cultural Hélio Oiticica, O Espaço Cultural dos Correios, o Banco do Brasil, a Casa França-Brasil, o Paço da Praça XV, a Fundação Progresso, o Edifício da Light, etc. são monumentos arquitetônicos que contribuíram para a solidificação do centro principal e agora, de outra forma, continuam a fazê-lo. Note-se ainda que há vários museus importantes no centro do Rio - Museu Nacional da Belas Artes, Museu Histórico Nacional, Museu da Imagem e do Som, e Museu de Arte Moderna - enquanto não há nenhum no centro de São Paulo. Além da monumentalidade, a tradição de uso desses monumentos se mantém, seja pela finalidade original, seja por uma nova finalidade (centro cultural por exemplo).

Finalmente, a localização excepcionalmente privilegiada do Aeroporto Santos Dumont também contribuiu para que o centro principal do Rio permanecesse como um bom "ponto" para escritórios e sedes de multinacionais, embora não o seja para hotéis de 4 e 5 estrelas.

Entretanto, atividades culturais por si só, não revitalizam centro nenhum. A vitalidade depende dos empregos, do comércio e dos serviços. Estes, por sua vez, sustentam a vitalidade imobiliária. O espelho da chamada "decadência" ou vitalidade dos centros principais é sua estagnação, retrocesso ou vitalidade imobiliária. Abandonados pelas elites eles sofrem uma desvalorização imobiliária acentuada e os grandes investimentos imobiliários, os enormes arranha-céus de escritórios típicos das décadas de 50 e 60, não mais são construídos no centro. Esse processo é menos acentuado no centro do Rio do que no de São Paulo. No centro principal de São Paulo não ocorre, desde o início da década de 60, nenhum empreendimento imobiliário que possa ser comparado com edifícios como o do Teleporto, ou o *Rio Branco I* ou o *Manhattan Tower*, (Av. Rio Branco X Alfândega e Rosário). O *Jornal do Brasil* de 16/12/94 noticiava que o ano de 94 trouxe muitas mudanças para o centro do Rio. Foram concluídos 4 novos prédios inteligentes: o shopping Paço do Ouvidor, que inclui um edifício de 16 andares; a FIRJAN, na Rua Santa Luzia; o Teleporto e outro à av. Chile (o Rio Metropolitan). Em São Paulo, há muito tais empreendimentos não mais são feitos no centro principal. No Rio a Federação das Industrias do Estado do Rio de Janeiro - FIRJAN, fez sua sede no centro principal; a de São Paulo foi para a Av. Paulista. A manutenção da valorização imobiliária do centro reflete sua apropriação pelas elites . No caso do Rio, essa apropriação se

reflete como local de emprego. Os grandes investimentos imobiliários não são causa da relativa vitalidade do centro do Rio de Janeiro, assim como a desvalorização imobiliária no centro de São Paulo não é causa da falta de vitalidade do centro de São Paulo. São efeito.

Segundo esta rápida pesquisa, o centro de São Paulo supera o do Rio, apenas em cinemas, teatros e hotéis.

A questão que tem que ser respondida é a seguinte: por quê o centro do Rio mantém mais empregos das burguesias e por isso mais vitalidade imobiliária, mais serviços (religiosos, educacionais, culturais) e mais comércio que o de São Paulo? A única explicação possível para o fato de partes significativas das elites cariocas ainda usarem o centro do Rio, é uma só: a força da tradição.